

## Práticas Educomunicativas com Música Amazônica na Recepção e Produção de Discurso Socioambiental <sup>1</sup>

Vânia Beatriz Vasconcelos de OLIVEIRA <sup>2</sup>  
Embrapa, Porto Velho, RO.

### RESUMO

O artigo discute possibilidades de músicas amazônicas, portadoras de um discurso socioambiental, contribuir para a sensibilização quanto às questões ambientais. Partimos do pressuposto que, submetido a um processo de interação, o discurso literário/ambiental de músicas amazônicas é capaz de produzir novos sentidos para parceiros em interação. Trata-se da construção/reformulação do discurso, tendo como instrumental de análise a noção de “contrato de comunicação” (Bakhtin, 1997), no qual a significação é o produto da interação entre os interlocutores. O objeto de análise é a música *Canto dos Castanhais*, que aborda o cotidiano de extrativistas castanheiros. Submetida a recepção em eventos, cujas discussões resultaram no delineamento metodológico do uso da música com a finalidade de capacitação e diagnóstico rápido da realidade local de comunidades extrativistas.

**PALAVRAS-CHAVE:** análise do discurso; discurso socioambiental; prática educacional, música amazônica.

### 1. Introdução

No âmbito dos trabalhos desenvolvidos pela Rede de Pesquisa Kamukaia, verificou-se a necessidade de adotar estratégias de comunicação que façam frente às barreiras no processo de divulgação científica. A identificação dessa demanda, na Embrapa Rondônia, deu origem ao desenvolvimento de práticas educacionais, nas quais se exercita a interdisciplinaridade, no trato da informação gerada pela pesquisa agropecuária e agroflorestal, seja com fins de comunicação ou de educação científica e ambiental; seja de sensibilização para as questões ambientais.

O uso de músicas de artistas da região amazônica para atividades de sensibilização e de educação científica e ambiental vem sendo estruturado como uma prática educacional socioambiental, fundamentada em processos socioeducativos desenvolvidos com comunidades rurais, a partir do ano 2000, com o objetivo de promover a participação de atores locais na gestão e utilização de recursos naturais. (OLIVEIRA et al. 2002; OLIVEIRA et. al., 2012).

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao DT 6 – Interfaces Comunicacionais - GP Comunicação, Ciência, Meio Ambiente e Sociedade, XIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Comunicóloga, Mestre em Extensão Rural, Especialista em Jornalismo Científico, Pesquisadora da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, e-mail: vania.beatriz@embrapa.br

As experiências acumuladas conduziram ao delineamento metodológico da prática pedagógica de produção coletiva de videoclipes como o uso de música amazônica na educomunicação científica e ambiental. Como apontado em Oliveira (2011), o processo de validação de uma tecnologia de cunho metodológico, como é o caso da prática educacional com uso da música amazônica, “... é longo, não acaba em uma primeira e rápida avaliação. Deve ser retomado a cada aplicação procedendo a incrementos e correções”.

Desta forma, retomamos o processo de validação, trazendo novos elementos de análise, neste caso, diferentes segmentos de público e a análise das possibilidades do discurso socioambiental<sup>3</sup> contribuir para a sensibilização em relação às questões ambientais e assim aumentar a consciência dos cidadãos sobre o papel e a importância da Ciência na sociedade. Com essa prática se quer responder à demanda por dinâmicas de natureza conscientizadoras, uma vez que, a educação e a comunicação são importantes ferramentas de promoção do desenvolvimento em bases sustentáveis.

O objeto da análise é a música-discurso *Canto dos Castanhais*, portadora de um discurso socioambiental sobre a realidade extrativista castanheira amazônica, que foi submetida à recepção em eventos (oficinas) de capacitação e de educação ambiental, tendo como categorias de público, produtores extrativistas no Acre e no Amapá e educadores ambientais de diversas regiões do País.

Neste artigo descreve-se o processo de recepção e interação dos participantes dos referidos eventos, que ao interpretar o discurso literário, numa perspectiva intercultural dos discursos de músicos da Amazônia como detentores de um saber local, realizaram inferências que geraram um novo discurso com a finalidade de sensibilizar para as questões ambientais e de valorização da atividade dos extrativistas da castanha-do-brasil (*Bertholletia excelsa*) na Amazônia, uma vez que há uma demanda dos produtores extrativistas, que almejam a valorização de seus produtos, de suas atividades extrativistas sustentáveis.

Em última instância, é a inter-relação, ciência, cultura e sociedade que está em análise quando, visando apontar o papel da Ciência e da Sociedade (O que a Ciência faz ? O que a sociedade pode fazer?) se busca no discurso literário da música amazônica – rica em simbolismos que sensibilizam para as questões ambientais – referenciais para a elaboração de um novo discurso.

---

<sup>3</sup> Por discurso socioambiental subentende o diálogo perene entre todos os aspectos envolvidos, sejam eles físico-naturais, econômicos, políticos e culturais a fim de buscar ações-cidadãs transformadoras.

## 2. A música na educomunicação ambiental para a ação-cidadã

A reflexão a partir de canções de temática regional é uma atividade que aproxima as áreas de comunicação e educação e leva em consideração o contexto no qual estão inseridos os participantes do ato educativo. Por canções amazônicas referimo-nos desde os clássicos do maestro Waldemar Henrique, as toadas de bois-bumbás do Amazonas, às músicas populares de artistas de toda a Região que a retratam em seus aspectos socioculturais e ambientais.

Costa (2010) em trabalho sobre música amazônica no século XX, além da categorização de três tipos de música: popular, erudita e folclórica, faz referência à “música cabocla” que seria a expressão em sambas, toadas, carimbós e marchas da representação do caboclo construídas pelas artes na Amazônia. Menciona também a “música regional” referindo-se à produção sobre temas locais que buscava se inserir na “moderna música popular brasileira” formada a partir do Rio de Janeiro. Cardoso Filho e Janotti Júnior (2006, p. 12) dizem ser possível se referir à MPB<sup>4</sup> como uma “... manifestação ligada tanto às composições urbanas que utilizam as raízes musicais brasileiras como às manifestações musicais de feições estritamente regionais”.

Embora alguns deles recusem o rótulo de “música regional”, canções de artistas amazônicos têm possibilitado seu uso para a prática educativa, em atividades de educação ambiental, na educação formal e não formal, nas quais a música tem sido frequentemente empregada como recurso de aprendizagem, recreação, sensibilização.

Oliveira e Bentes-Gama (1996) adotaram o uso da música *Sabor Açaí* (Nilson Chaves e Joãozinho Gomes) como base para a discussão e reflexão sobre as questões ambientais, gestão e uso dos recursos naturais em uma comunidade ribeirinha, resultando na elaboração de um diagnóstico socioambiental de forma rápida e participativa. No âmbito do Projeto Kamukaia, a música “Canto dos Castanhais” tem servido de base para as discussões processadas em reunião com produtores extrativistas de castanha-do-brasil, com o objetivo apresentar e propor a adoção das boas práticas. Bem como, sensibilizar comunicadores, educadores, formadores de opinião, sobre a importância da atividade extrativista e sua contribuição para a sustentabilidade ambiental da floresta amazônica, em Oficinas de produção de videoclipe, como recurso didático de educomunicação científica e ambiental na educação formal. (OLIVEIRA e FERNANDES, 2012).

---

<sup>4</sup> MPB- Música Popular Brasileira

### 3. Referencial teórico e procedimentos metodológicos

Neste trabalho, apresentamos os procedimentos metodológicos e discutimos as inferências realizadas pelos atores sociais envolvidos em eventos que fizeram parte das atividades da Rede de Pesquisa Kamukaia, coordenada pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Embrapa, que visa gerar resultados para políticas públicas e implantação de planos de manejo sustentável de produtos florestais não madeireiros (PFNM).

Na perspectiva de construção de uma prática educ comunicativa com o uso de música, a Sala de Aula/Oficina representa o lugar do “contrato de comunicação” (Bakhtin, 1997), de interação coletiva para a reformulação e produção de discursos. Tal prática, pela interação e diálogo entre os atores sociais, gera a possibilidade de construção de um segundo discurso ambiental, uma vez que a cultura amazônica, expressa no discurso lítero-ambiental, presente na letra da música, teria como autor-criador (compositor) um detentor de um saber sobre a realidade socioambiental local.

Este trabalho situa-se no campo da educ comunicação, da inter-relação Comunicação/Educação que é a principal linha de pesquisa desenvolvida pelo NCE-ECA/USP, que vem solidificando esse campo de estudos. Com o avanço dos estudos do NCE o conceito de educ comunicação passa a designar todos os esforços realizados pela sociedade no sentido aproximar os campos da cultura, comunicação e educação (SOARES, 2002).

As análises se processam a partir das inferências realizadas pelos atores sociais envolvidos em três eventos distintos: (1) Oficinas de introdução de Boas práticas do manejo da castanha, com extrativistas da Resex<sup>5</sup> Chico Mendes (Acre), em novembro/2011; (2) Oficina de Comunicação Ambiental, com extrativistas da Resex Rio Cajari (Amapá) em fevereiro/2012; e (3) Oficina de produção de videoclipes ambientais, com educadores ambientais, participantes do VII Fórum Brasileiro de Educação Ambiental, em abril/2012.

Nestes eventos, ocorreu o processo de interação e discussão em torno da temática da atividade extrativista tendo por base o discurso da música Canto dos Castanhais, cujos autores (Val Milhomen e Joãozinho Gomes), elaboradores do discurso literário, são músicos do Amapá/Pará.

---

<sup>5</sup> Reserva Extrativista

No primeiro evento, o objetivo foi de sensibilização. Nos demais, o objetivo foi o de elaboração de uma narrativa audiovisual, uma vez que o produto final das Oficinas seria a elaboração de um videoclipe ambiental.

Os procedimentos metodológicos, por meio dos quais busca validar o uso da música como prática educomunicativa, consistiram na interpretação e realização de inferências sobre a referida música. O enfoque da análise é predominantemente descritivo e qualitativo, aplicado à interação ocorrida na oficina em que foram realizadas as inferências, o ambiente no qual se produziu o “contrato de comunicação”, como o lugar de parceiros em interação para a produção de sentido. Na oficina, este é o momento de interação para a produção de um novo discurso.

Em análise do discurso se define inferência como “um processo interpretativo que consiste em colocar em relação ao que é dito explicitamente com outra coisa além desse dito” Charadeau e Mainguenu (2008, p.277). O termo é utilizado para tentar dar conta das operações que permitem extrair sentido implícito dos atos de discurso, aquele sentido que é produzido pelo sujeito falante e reconstruído (ou reproduzido) pelo sujeito destinatário.

Para a análise textual da letra das músicas os procedimentos tomam por modelo o trabalho desenvolvido por Telles (2009) para quem a análise e a interpretação são os dois momentos fundamentais do estudo do texto: “... a análise de um poema pressupõe dois movimentos: desmontagem do texto , que seria a análise propriamente dita e a sua articulação, em torno de um principio configurador, ou seja, um tema capaz de explicar o sentido da construção desse texto” (TELLES, 2009, p. 81) .

No elenco de teorias que podem explicar os fenômenos sociais relacionados ao processo de interação para a construção de novos discursos, adota-se a perspectiva teórica do Dialogismo e Polifonia de Bakhtin de Bakhtin que contribui para a compreensão sobre o caráter dialético da linguagem e os estudos sobre a construção do campo Comunicação/Educação como novo espaço teórico, considerado o mediador principal no processo de recepção.

Ainda que em seus estudos sobre os gêneros discursivos Bakhtin tenha privilegiado o romance, o alvo de seu interesse teórico eram “... as formações da prosa na vida cotidiana” (MACHADO, 2008, p. 152). Por esta concepção de Bakhtin os gêneros discursivos devem ser pensados como elos de uma cadeia que, não apenas une como também dinamiza as relações entre pessoas ou sistemas de linguagem e não apenas entre interlocutor e receptor.

#### 4. O discurso literário: o que canta o Canto

Uma canção, normalmente, é uma combinação de texto (letra) e música, mas é possível também a existência de uma canção sem palavras (VALENTE, 2005). O autor considera que a voz do cantor exerce uma função que extrapola o que é dito: a voz revela mais verdades que o conteúdo do texto é capaz de expressar.

O Canto dos Castanhais (Anexo1) é uma criação de Joãozinho Gomes (autor-criador do texto) e Val Milhomem (autor-criador da melodia), artistas nascidos no Pará e Amapá, respectivamente, ambos atualmente domiciliados em Macapá, capital do Amapá. No início da parceria formaram, com outros artistas, o Grupo Senzalas, referência da música amapaense, que se apresentou em grandes casas de espetáculo do sudeste do País e do exterior.

Segundo Gomes<sup>6</sup> o que o levou a escrever a canção foi, uma constatação feita quando de uma visita ao município de Laranjal do Jari-AP. As informações divulgadas pela imprensa amapaense, em meados de 1994 a 2002, sobre grandes avanços que estariam ocorrendo no setor extrativista do Estado, como a instalação de uma grande fábrica de beneficiamento da castanha, produtora de biscoitos e óleo, não correspondiam à realidade:

... juntamente com o meu parceiro Val Milhomem e mais alguns amigos fomos visitar a decantada fábrica e, constatamos que a mesma não passava de uma engenhoca, e todos os benefícios a ela atribuídos não passavam de meras propagandas, aquele povo continuava com suas dificuldades perenais, o mundo inteiro sabe; quão áspera é a lida do castanheiro.

Passados quatro anos após esta visita, quando compunha o repertório para o CD (*Compact disc*) “Constelação de Parentes”, Val Milhomen enviou a Joãozinho a melodia para que ele a versasse: “... *ao ouvi-la me veio à memória o semblante daquela gente, e eu a versei assim: A vida que leva essa gente/é um canto plangente/no meio dos castanhais...*”, disse o autor-criador dos versos.

O Canto dos Castanhais caracteriza-se como um registro da memória cultural de uma população tradicional. Embora a narrativa denote que se trata de um olhar exógeno, uma vez que o autor refere-se a “essa gente” e não a “minha gente” ou “nossa gente”, o mesmo afirmou na entrevista, que até os 8 anos de idade morou na localidade de Caraparu, interior do Pará, onde ficava uma colônia do INCRA, na qual o pai dele era funcionário. Ficou na memória do autor as gentes e paisagens de Caraparu:

<sup>6</sup> Em entrevista à autora, via correio eletrônico, em março 2012

... uma região de mata densa, selva amazônica, mesmo, e tinha muitos castanhais, ali. E os homens dali se valiam muito desses castanhais. E eu, por obra de Deus, sempre tive muita facilidade de armazenar lembranças em minha memória, eu lembro, até hoje, de muitas coisas da minha infância, e entre essas coisas; desses autônomos castanheiros, contando em minha casa as rudezas de lidar com os castanhais.

Na primeira e segunda estrofe o autor, ao comparar a vida dos castanheiros com um “canto plangente”, identifica “essa gente” como uma gente sofrida, chorosa; e traduz esse canto em sons que fazem parte do cotidiano da população local: “som de facão no ouriço” (instrumento com o qual cortam/quebram o ouriço da castanha); “de castanha entre os dentes” (hábito local de quebrar a castanha com os dentes), de “pele nos espinhais” (ao percorrer a floresta para coletar a castanha, seria comum se arranharem em vegetações espinhosas). A terceira estrofe menciona mais um sofrer, o do “filho ausente, que não voltou nunca mais”.

Estrofe 1	Estrofe 2	Estrofe 3
A vida que leva essa gente / é um canto plangente, no meio dos castanhais.	Tem som de facão no ouriço, / de castanha entre os dentes, / de pele nos espinhais;	É o baque da porta do quarto De um filho ausente, // que não voltou nunca mais.

Outras referências que colaboraram para a elaboração do discurso literário/socioambiental, ainda segundo Gomes, foram muitas conversas com castanheiros do Amapá, extrativistas natos, dos quais tornou-se amigo de alguns deles. Quanto a percepção de ser um povo sofrido, o autor afirmou: “... como pode um povo que trabalha com as adversidades que este povo trabalha, da forma que este trabalha, sem ter o justo retorno de sua suada produção; não ser um povo sofrido? E um povo, sofrido, sim!”

Este, na percepção do autor, a fé e inerente ao sofrimento do homem, por isso, essa ligação: dor, fé, esperança. Entretanto, ressaltou que a composição é uma poesia e que não pretendeu retratar “ao pé da letra” a realidade socioambiental dos extrativistas, “... é uma letra que encerra uma obra de arte que ilustrará a intenção de se melhorar a vida de um povo” concluiu o autor-criador.

Como se verá a seguir, no processo interpretativo, os receptores do discurso literário, não identificaram explicitamente essa intencionalidade do autor-criador, entretanto, apontaram sentidos implícitos, construindo (ou reproduzindo) outros sentidos para além do dito explicitamente pelo autor-criador. Alguns deles recorrentes em todos os três eventos, como o êxodo rural dos jovens e a negação do sofrimento e dor pelos extrativistas.

## 5. Inferências sobre o discurso literário/socioambiental do Canto dos Castanhais

### 5.1. Reunião com os extrativistas da Resex Chico Mendes

O evento foi realizado em novembro de 2011, no Seringal Filipinas, em Brasileia, um dos seis municípios que compõem a Resex Chico Mendes, localizada no Estado do Acre, criada pelo Decreto N° 99.144 de 12/03/1990, em uma área aproximada de 970.570 ha.<sup>7</sup>

O objetivo da reunião foi apresentar e propor a produtores extrativistas, a adoção das boas práticas da castanha-do-brasil. A música foi apresentada em um videoclipe com imagens do trabalho desenvolvido pela Embrapa Acre naquela comunidade e outras imagens de lugares e personalidades do Acre, como Marina Silva e Chico Mendes. Devido a indisponibilidade de energia elétrica no barracão onde foi realizada a reunião, a execução da música foi feita em um notebook sem caixas de som externas, ou seja, os participantes ouviram a música, mas não viram as imagens do videoclipe.

Em seguida à audição, fez-se uma rápida discussão sobre a mensagem da música com as seguintes perguntas: - Quem é “essa gente” de que a música fala? A música representa bem a realidade de vocês? Foram poucas as manifestações, porém, um dos extrativistas contestou o verso da estrofe 4, que diz “... *aqui quando sol se levanta, essa gente levanta e entra nos castanhais...*”. Segundo ele, quando o sol se levanta, o castanheiro já está voltando dos castanhais.

Outro verso mencionado foi o da estrofe 7: “... *É a voz, que diz quando está descontente / E grita ao mundo seus ais / Que fala, contesta, desmente. / Que ecoa pelos castanhais.*” Este verso suscitou uma breve discussão sobre quem eram as vozes dos castanhais e quais eram os “ais” que estavam sendo gritados e por quem. Diante da falta de outras manifestações espontâneas, foi proposta a extração de palavras-chaves da letra da música, para retomá-las em outros momentos das discussões. Foram extraídas as palavras: FÉ, FALA e CANTA; e a expressão ESSA GENTE. Nas discussões que se seguiram, as falas dos participantes evidenciaram a importância do produto para a comunidade, bem, como obter um diagnóstico rápido da realidade local.

As atividades desenvolvidas com o uso da música na primeira etapa da reunião caracterizam-se como práticas educomunicativas recomendadas para a condução de discussões em grupos comunitários. A prática foi favorável a condução da segunda etapa da reunião, quando os pesquisadores especialistas discutiram as proposições de mudanças, diante da constatação de que os problemas relacionados à organização das comunidades representa um entrave e da necessidade de trabalhar a mobilização para a organização local.

<sup>7</sup> Dados do Ibama/CNPT acessados em janeiro 2013, in: <http://www.ibama.gov.br/resex/cmendes/visite.htm>

Quanto ao uso da música, não foi possível avaliar mais precisamente a aceitação do uso da mesma, uma vez que quando perguntado há quanto tempo não ouviam uma música naquele local, um dos participantes respondeu : “... *desde quando prometeram que ia ter energia elétrica*”. A resposta trás implícita uma crítica e acabou por não deixar claro qual a relação dos mesmos com a audição e gosto musical, mas apenas que eles têm acesso a mídia rádio.

Esse primeiro experimento, resultou em recomendações para a reaplicação dessa prática educacional (OLIVEIRA e BENTES-GAMA, 2013) em comunidades extrativistas. No caso em questão, aponta-se como as palavras destacadas ( FÉ , FALA , CANTA) foram retomadas na discussão sobre o fortalecimento organizacional da comunidade, e sobre os descontentamentos mencionados na estrofe 7, e isso foi encorajador para que os participantes também explicitassem os seus “ais”.

## **5.2. Oficina de Comunicação Ambiental na Resex Rio Cajari, AP.**

A Resex Rio Cajari, criada pelo Decreto Nº 99.145 de 12 de março de 1990, está localizada no Estado do Amapá, em uma área de 532.397,20 hectares.

O evento denominado Oficina de Comunicação Ambiental foi realizado em Macapá, em fevereiro de 2012 , como parte das atividades do Projeto Carbono Cajari (parceiro da Rede Kamukaia) que tem dentre seus objetivos divulgar e fomentar, junto ao seu público alvo o conceito e a prática da educação ambiental para conservação dos recursos naturais. Para isso, desenvolve ações de sensibilização para conservação e uso dos recursos naturais, por meio de amplo diálogo com as comunidades extrativistas da castanha-do-brasil da Resex Rio Cajari, no sul do Estado do Amapá.

Foram desenvolvidas mini-oficinas temáticas para a produção de Rádio, Blog, Texto Jornalístico e Videoclipe. Nesta, que contou com a participação de representantes de 11 comunidades que compõem a reserva, se processou a interação para a construção da narrativa audiovisual, que serviu de base para a produção de um videoclipe.<sup>8</sup>

Neste experimento, teve-se como sujeitos dos atos interlocucionários, em interação de forma direta e indireta, acadêmicos de engenharia florestal, profissionais de

---

<sup>8</sup> Disponível em: [Canto dos Castanhais do Cajari](#) . Os produtos das demais mini-oficinas podem ser visualizados na página do [Projeto Carbono Cajari](#) .

comunicação social, compositores e interpretes (músicos); técnicos de instituições parceiras do projeto; e majoritariamente, lideranças jovens das comunidades extrativistas. Um dos enfoques das discussões propostas foi refletir sobre o que faz a Ciência e o que a sociedade pode fazer para minimizar os impactos ambientais sobre as florestas naturais.

Na análise textual da letra da música, algumas inferências coincidiram com as dos extrativistas do Acre, a exemplo da discordância quanto ao verso da estrofe 4 que relaciona o início da jornada com o nascer do sol: “quando o sol se levanta, essa gente levanta e entra nos castanhais...”. A discordância tem explicação no fato de que a jornada dos extrativistas começa muito antes do sol se levantar, uma vez que quando o sol “esquenta” os ouriços (que contem os frutos) despencam de grande altura e podem machucar o coletor de castanha.

A interpretação do verso da estrofe 3 rendeu intensa discussão sobre a “*o filho ausente, que não voltou nunca mais*”. As inferências tiveram duas abordagens, a do êxodo rural do jovem, uma vez que alguns dos participantes eram jovens estudantes de nível técnico e universitário, egressos de castanhal e que disseram pensar em tornar a Reserva para colocar em prática seus conhecimentos; e a do jovem “rebelde” que teria batido a porta do quarto e saído deliberadamente com a intenção de não voltar, por recusar a vida de dificuldades dos extrativistas.

Muitos outros assuntos foram suscitados neste processo de interação, resultando na obtenção de informações que constituem um diagnóstico rápido da realidade local, nos aspectos sociais, econômicos e ambientais, tais como o histórico de sujeição ao “atravessador”, uma vez que a dependência a este elemento da cadeia produtiva, desde a época em que os seringais e castanhais tinham donos. A inserção da mulher no processo produtivo, fabricando biscoitos caseiros, que são vendidos em pontos de venda na beira da estrada. Também recusaram a imagem de tristeza e dor transmitida pela música, mencionando suas festas religiosas e sociais, denominadas “mucura”.

A partir dos dados obtidos nesse diagnóstico, foram realizadas discussões que visaram aproximar os discursos (dos músicos e dos extrativistas) e identificar os argumentos e percepções que colaboram para a sensibilização e estímulo à ação cidadã. Ao expressarem suas demandas sobre como gostariam de se ver representados na mídia, os extrativistas disseram que gostariam de ser valorizados pelo papel que desempenham como conservadores da floresta.

### **5.3. Oficina de Produção de Videoclipe Ambiental, no Fórum Rebea**

A “Oficina de produção coletiva de videoclipe ambiental: o canto dos castanhais da Amazônia”, facilitada pela autora, foi realizada no dia 29 de março de 2012, em Salvador - BA, como parte da programação do VII Fórum Brasileiro de Educação Ambiental, Fórum REBEA, com o tema Rumo à Rio+20 e as Sociedades Sustentáveis.

O objetivo foi promover a interação dialógica, discutir a ação-cidadã em prol das sociedades sustentáveis e sensibilizar os participantes para as questões ambientais amazônicas, em especial a produção extrativista não florestal. O produto esperado ao final do processo de interação seria a elaboração de uma narrativa audiovisual para um videoclipe, cuja temática seria a produção sustentável de castanha-do-brasil, por produtores de comunidades extrativistas na Amazônia.

O evento contou com a participação de 19 educadores ambientais, originários de diversas localidades do País, sendo apenas um nascido na região amazônica. Educador ambiental é a identificação genérica adotada, porém, a partir da apresentação dos participantes, pode-se traçar um breve perfil dos mesmos: 12 mulheres e 07 homens, dos quais 05 eram acadêmicos e 14 profissionais, a maioria da área de Biologia. As demais categorias profissionais participantes foram: Comunicação Social, Administração, Engenharia Florestal, Engenharia e Gestão Ambiental, Nutrição e Letras.

Portanto foram estes os atores sociais que neste espaço de interação atuaram como sujeitos dos atos interlocucionários: educadores ambientais (EA), comunicadores sociais (CS), no papel de facilitadoras da oficina, músicos (M), autores e intérprete da canção, em interação de forma direta e indireta.

A discussão resultou em embates ideológicos sobre extrativismo e consumo, seja em relação ao consumo in natura da castanha, que na percepção dos participantes é um produto de difícil acesso, pelo alto preço; seja em relação aos produtos cosméticos que tem a castanha como matéria prima, que também não estariam, financeiramente acessíveis, inclusive aos próprios extrativistas. Embora, na avaliação do evento, alguns participantes tenham reconhecido o potencial da Oficina como proposta metodológica, que envolve a produção da informação a ser veiculada, os conflitos entre produção e consumo, desafiam os comunicadores e educadores ambientais a refletir sobre suas práticas discursivas.

## 6. Considerações

As atividades de comunicação da Rede de Pesquisa Kamukaia têm como foco a promoção do diálogo com os produtores extrativistas e técnicos da extensão rural/florestal das instituições de pesquisa e extensão, parceiras do Projeto. As ações de comunicação visam a compreensão da importância da adoção de boas práticas do manejo da castanha para aumentar a qualidade da sua produção, em todas as etapas do processo. A outra vertente da comunicação é dirigida à sociedade, para que conheçam e valorizem a atividade extrativista não-madeireira.

Tomando como objeto de análise a música *Canto dos Castanhais*, que aborda o cotidiano de produtores extrativistas castanheiros, este trabalho propôs-se analisar e discutir a formatação metodológica do uso da música amazônica como prática educacionais, na perspectiva de responder a questão: pode o discurso de músicas amazônicas, portadoras de um discurso socioambiental, colaborar para a formulação de discursos outros que contribuam para a sensibilização de distintos segmentos de público em relação às questões ambientais.

O universo levado em consideração é o de indivíduos (sujeitos interpretantes/enunciatórios) pertencentes à determinadas categorias sociais (produtores extrativistas, estudantes e educadores ambientais) participantes de eventos, em interação, interpretando o discurso literário e produzindo sentido. Nas experiências pedagógicas de uso da música-discurso, aqui apresentadas, identificamos as possibilidades do discurso da referida música colaborar para a formulação de um novo discurso (novas vozes) que expressem a valorização do produtor extrativista, representada pela interação entre a produção e o consumo da castanha-do-brasil. Com isso, queremos demonstrar que nos processos interativos dos atores sociais do processo produtivo, ocorrem interações dialógicas que sensibilizam os participantes dos eventos em relação às questões ambientais decorrentes da atividade extrativista dos PFNM.

Produtores extrativistas e educadores ambientais, em distintos momentos de recepção e interpretação do discurso socioambiental da referida música, elaboraram discursos que expressam suas demandas sobre como gostariam de ser valorizados e até mesmo representados na mídia.

A primeira experiência com os extrativistas do Acre foi reveladora das possibilidades de uso da música-discurso para a discussão da organização social dos extrativistas de castanha, bem como realizar diagnóstico rápido da realidade local. O mesmo ocorreu com os extrativistas da Resex Cajari no Amapá. Já no evento com os educadores ambientais, público predominantemente urbano, a sensibilização estimulada pelo discurso literário da música amazônica, expressa nas falas do autor-criador (na letra da música) e na dos participantes dos eventos, enquanto receptores e ao mesmo tempo locutores de um novo discurso levou a um impasse ideológico, que coloca numa ponta o produtor extrativista, no papel de conservadores da floresta, e na outra o cidadão, cujo comportamento de consumo o coloca diante do maniqueísmo que predomina a questão ambiental.

Com a adoção desta prática se quer demonstrar a possibilidade de materialização da inter-relação comunicação e educação em espaço educativo não formal, como é o caso das atividades de extensão rural/florestal, quando o objetivo é promover a difusão de soluções tecnológicas para a conservação ambiental e estimular a ação cidadã para o desenvolvimento sustentável.

Os experimentos, como processado, colaboram para algo que já vem sendo demonstrado na observação e estudo de práticas de construção coletiva de textos e de produtos de mídia, em espaço de educação: a de que oficina (sala de aula/ laboratório de comunicação) se constituem em espaço singular onde os atores do processo de interação assumem seus lugares enquanto falantes da língua materna, realizando interações significativas e produtoras de sentidos através da linguagem.

Portanto, o desafio de produzir informações a partir das inferências da música, para contribuir com a valorização do produtor extrativista da castanha-do-brasil; quer significar que pela interação dos atores sociais envolvidos no processo, pela divulgação científica, pela popularização da ciência, estaremos produzindo informações que demonstrem a contribuição da ciência, enquanto conhecimento proveniente das pesquisas da Embrapa e instituições parceiras, somada ao conhecimento tradicional dos extrativistas para a produção sustentável; e ao mesmo tempo motivando a sociedade (representada pelo público leigo) para a ação-cidadã, o “que fazer” para contribuir com essa causa.

## 7. Referências

BAKHTIN, M. Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Hucitec, 1997.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. Dicionário de análise do discurso. São Paulo: Contexto, 2008.

COSTA, Tony Leão. **Música, literatura e identidade amazônica no século XX**: o caso do carimbó no Pará. ArtCultura, Uberlândia, v. 12, n. 20, p. 61-81, jan.-jun. 2010. Disponível in: [http://www.artcultura.inhis.ufu.br/PDF20/t\\_costa\\_20.pdf](http://www.artcultura.inhis.ufu.br/PDF20/t_costa_20.pdf) Acessado em: 03fev2013.

CARDOSO FILHO, J.; JANOTTI JÚNIOR, J. A música popular massiva, o mainstream e o underground: trajetórias e caminhos da música na cultura midiática. In: FREIRE FILHO, J.; JANOTTI JÚNIOR, J. Comunicação & música popular massiva. Salvador: UFBA, 2006. p. 11-23.

MACHADO, I. Gêneros discursivos. In: BRAIT, B. (Org.). Bakhtin: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2008.

OLIVEIRA, V. B. V. de; RODRIGUES, V. G. de S.; MEDEIROS, I. M. de.; MONTEIRO, R.P.; FERNANDES, S. R.; LIMA, J. I. S. de. **Dinâmicas de grupo no planejamento participativo para o desenvolvimento sustentável do Assentamento Asa do Avião, Machadinho do Oeste-Rondônia**. Porto Velho: Embrapa Rondônia, 2002. 18 p. (Embrapa Rondônia. Documentos, 65).

OLIVEIRA, V. B. V.; BENTES-GAMA, M. M. **Sabor Açaí: o uso de música em grupos comunitários de estudos sobre o açaí (Euterpe sp.) com agricultores familiares ribeirinhos do Rio Madeira** In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL, 3, 2006, Campinas. **Anais...** Piracicaba-SP: FEALQ, 2006, p. 437-44.

OLIVEIRA, Vânia Beatriz Vasconcelos de Oliveira. Uso de música amazônica na educomunicação científica e ambiental. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 34., 2011, Recife. Quem tem medo da pesquisa empírica? : **Anais**. São Paulo: INTERCOM, 2011.

OLIVEIRA, Vânia Beatriz Vasconcelos; FERNANDES, Carla V. Soares. Inferências sobre a música Canto dos Castanhais, por educadores ambientais, em Oficina de Produção de Videoclipe. In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 8, 2012, Salvador. **Anais...** Salvador: Enecult, 2012. CD-ROM. Disponível in: [http://www.cult.ufba.br/wordpress/?page\\_id=1566](http://www.cult.ufba.br/wordpress/?page_id=1566)

OLIVEIRA Vânia Beatriz Vasconcelos; VIEIRA, Abadio Hermes; BENTES-GAMA, Michelliny de Matos. **O uso de música em oficina temática de biodiversidade florestal**. In: Empresa, meio ambiente e responsabilidade socioambiental. Valéria Sucena Hammes et al. (Ed. Tec.). Brasília - DF: Embrapa, p.201-211, 2012 (Educação Ambiental para o Desenvolvimento, vol.6).

OLIVEIRA Vânia Beatriz Vasconcelos; BENTES-GAMA, Michelliny de Matos. **Prática educacional socioambiental aplicada em reunião com produtores extrativistas na Resex Chico Mendes, Acre**. In: ENCONTRO INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO AMBIENTAL, 2, 2013, Aracaju. **Anais**. Aracaju: EICA/UFS, 2013. Disponível in: <http://www.rica.eco.br/rica/arquivos/anaiseica2013/EICA%202013-35-Pr%C3%A1tica%20educacional-socioambiental-aplicada-em-reuni%C3%A3o-com-produtores-extrativistas-na-Resex-Chico-Mendes.pdf>

SOARES, I. Educomunicação: um campo de mediações. Revista Comunicação e Educação, n. 19, p. 12-24, set/dez, 2000.

TELLES, T. Chico Buarque na sala de aula: leitura, interpretação e produção de textos. Petrópolis: Vozes, 2009. 150 p.

VALENTE, Heloisa de Araújo Duarte. **Música e mídia a partir dos conceitos de R. Murray Shafer e ppaul Zumthor**. In: Discursos simbólicos da mídia. Rafael Souza Silva (Org.). Edições Loyola: São Paulo, 2005. (89-106)

## 8. Anexos

### Letra da música dividida em estrofes

Canto dos Castanhais - (Val Milhomem/ Joãozinho Gomes)	
Estrofe 1	Estrofe 6
A vida que leva essa gente é um canto plangente, no meio dos castanhais.	Por isso essa gente canta E o seu canto plangente Torna-se um canto de paz
Estrofe 2	REFRÃO:
Tem som de facão no ouriço, de castanha entre os dentes, de pele nos espinhais;	A fé dessa gente é tanta E a dor que ela sente Passa a doer na santa Que pega no ventre e senta Enquanto essa gente canta
Estrofe 3	Estrofe 7
É o baque da porta do quarto De um filho ausente, que não voltou nunca mais.	É a voz, que diz quando está descontente E grita ao mundo seus ais Que fala, contesta , desmente. Que ecoa pelos castanhais.
Estrofe 4	(repete o REFRÃO)
Aqui quando o sol se levanta Essa gente levanta e entra nos castanhais.	A fé dessa gente é tanta Que a dor que essa gente sente Passou a doer na santa
Estrofe 5	
A vida que leva essa gente Não é tão diferente da vida dos seringais	
<b>(o coro repete 5 vezes, a 6ª e última vez somente a intérprete, canta à capela)</b>	